

DESCOLORIRÁ: Grupo Terapêutico Infantil em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)

MARIA LUÍZA BARBOSA ARAÚJO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

MARINA ROCHA DIAS

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RAFAELLA STHEFANY PEREIRA ARAÚJO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

CARMEM VIRGÍNIA MORAES DA SILVA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo:

O foco central da atividade aqui relatada foi a constituição de uma intervenção psicoterapêutica com 8 crianças de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Vitória da Conquista, Bahia. A prática realizada durante o componente curricular Técnicas de Psicoterapia com Crianças ofertado no curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) tem perfil sociocultural e educativo, compondo o seu caráter interventivo, e foi realizado por um grupo de três discentes de Psicologia, sob supervisão de uma professora e psicóloga. A possibilidade de brincar livremente com sucata e a expressão através dos desenhos evidenciou vulnerabilidades sociais e emocionais dos participantes do grupo, bem como assinalou as questões de raça, nível social, e violência como fatores que forjam diretamente o desenvolvimento emocional e social das crianças. Para as discentes mediadoras, as evidências acerca do aproveitamento psicoterapêutico através de meios lúdicos mostraram-se inúmeras, salientando a brincadeira como meio eficaz para a expressão de sentimentos das crianças. A presente intervenção evidenciou a necessidade de ações contínuas e fortalecimento de vínculos entre as equipes multiprofissionais dos Centros de Referência de Assistência Social, com o objetivo de proporcionar a livre expressão das crianças através do lúdico para a identificação de mazelas presentes em seus respectivos meios sociais.

5818

Palavras-chave: CRAS. Criança. Grupo Terapêutico.

Introdução

O presente relato desenvolveu-se no decorrer do componente curricular de Técnicas de Psicoterapia com Crianças (TPC), no curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista (BA). Este é responsável pelo estudo aprofundado acerca do processo psicoterapêutico com crianças, além de promover o aprendizado das(os) alunas(os) por meio de intervenções adequadas a cada caso, e a cada paciente, perpassando pela maioria das abordagens teóricas que embasam a prática psicológica, e expandindo o repertório intelectual, acadêmico, e sociocultural da(o) discente.

Durante a atividade prática da disciplina, um trio de estudantes mediadoras ficou responsáveis pela intervenção terapêutica em grupo com crianças e responsáveis, em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Vitória da Conquista, Bahia. O CRAS é uma unidade de caráter público, que visa atender à população, e oferece serviços de Assistência Social. Assim, funciona como um facilitador do acesso populacional ao Cadastro Único, orienta sobre benefícios sociais e direitos, apoio relativo ao convívio familiar, orientação acerca da violência doméstica, e acesso a outros serviços públicos (Brasil, 2023).

Projetado para pessoas em vulnerabilidade (social ou pessoal), o CRAS conta com o Setor de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), objetivando fortalecer e promover a integração dos membros familiares e agir protetivamente garantindo direitos, respectivamente. Importa ressaltar que o serviço conta com uma equipe multiprofissional, na qual o Psicólogo participa como ferramenta de acolhimento, escuta, e profissional especialista em temáticas inerentes ao psiquismo humano, tais como autoestima, autoconhecimento, subjetividade, etc. (CFP, 2021).

Isto posto, o grupo de mediadoras pretendia intervir junto a um grupo com crianças e outro grupo, com responsáveis pelas crianças, o que foi impossibilitado pela ausência dos responsáveis, uma vez que estes estavam em horário de trabalho. É importante salientar que o contexto socioeconômico foi a principal causa da evasão parental, uma vez que a presença das crianças no CRAS é, por vezes, também justificada pela indisponibilidade da presença dos responsáveis por praticarem trabalhos informais, como serviços de catador de material reciclável e empregadas domésticas.

Esta prática sucedeu da observância da necessidade de intervenções psicoterapêuticas com as crianças supracitadas, funcionando como contribuição à equipe já presente na Unidade. Importa salientar que as práticas em centros de referência funcionam, comumente, na configuração grupal, abordando as temáticas mais relevantes de cada grupo. Isto não impede, entretanto, intervenções de caráter individual, caso necessárias. Assim, reforçou-se a essencialidade da prática psicológica nos espaços públicos, como forma e estratégia de prevenção e promoção de saúde mental, universalizando o acesso à uma prática terapêutica.

Para a realização da prática foi necessário um repertório teórico que foi construído ao longo dos encontros teóricos da disciplina. Assim, as mediadoras tiveram como auxílio para a condução das intervenções as literaturas acerca da psicanálise, Gestalt-terapia, Terapia Cognitivo Comportamental, Psicologia Histórico-Cultural, Logoterapia Existencial e Análise do Comportamento. De forma mais específica, a prática teve como premissa que

o pressuposto básico da psicoterapia com crianças que privilegia a linguagem lúdica em detrimento da linguagem verbal. Esperar que uma criança fale sobre seus problemas e questões costuma ser algo bastante frustrante para o psicoterapeuta e uma ameaça para o vínculo com a criança, já que pode fazer que ela sintam-se exigida e pressionada a agir de uma forma que não lhe convém (Aguar, 2014, p.150)

Assim, ante ao supracitado, observa-se que nessa prática de intervenção infantil o recurso lúdico foi a estratégia principal, tendo em vista que, segundo Ortolan et al. (2018), o brincar é uma ferramenta que facilita o trabalho psíquico ao promover à criança organização e apropriação do seu mundo interno e externo, mas também contribui para a elaboração de conflitos e domínio da realidade.

Com base no exposto, entende-se que a intervenção feita pelas discentes teve como objetivo geral promover um espaço de desenvolvimento e saúde mental para as crianças de um Centro de Referência da Assistência Social, em Vitória da Conquista, Bahia. Dessa forma, para que isso fosse alcançado, percebeu-se a necessidade de: a) integrar a equipe multidisciplinar da Unidade; b) estimular a expressão de emoções e possíveis sofrimentos psíquicos nos diversos contextos que a criança se insere ao propiciar um ambiente seguro e acolhedor; c) identificar principais demandas psicossociais, tanto das crianças, quanto das famílias; intervir através de recursos lúdicos.

5820

Metodologia

As intervenções terapêuticas foram realizadas com um grupo de 8 crianças de um CRAS de Vitória da Conquista, Bahia. Tais crianças se encontram em condições de vulnerabilidade pessoais e sociais, que afetam o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, direta ou indiretamente. Os encontros foram registrados em diários de campo, abarcando o conteúdo de cada prática. Para os devidos fins, os nomes das crianças serão preservados e as mediadoras, por sua vez, serão identificadas como “M.”

O primeiro encontro, que ocorreu no dia 18 de outubro de 2023, foi de apresentação, no qual as mediadoras se apresentaram como discentes de Psicologia, e explicaram que estariam com elas em atividade, naquela e nas quatro semanas seguintes. As mediadoras empregaram uma técnica de dinâmica de mímicas, “O espelho”, estimulando a extroversão e possibilitando que as crianças tivessem a oportunidade de mimetizar os movimentos uns dos outros. Observou-se a postura colaborativa das crianças, apesar da timidez. Em um segundo momento, foi sugerido que mimetizassem, também, sentimentos. Assim, as crianças foram estimuladas a dar

nome aos sentimentos, podendo, ainda, representá-los. O grupo era formado majoritariamente por crianças racializadas e do gênero masculino, sendo apenas uma delas, menina.

No segundo encontro, que aconteceu no dia 25 de outubro de 2023, as mediadoras trabalharam sob a perspectiva de que “[...] o brincar é a forma natural de expressão da criança, bem como a linguagem verbal é a dos adultos. Assim, da mesma forma que nos comunicamos verbalmente com os adultos, precisamos nos comunicar com a criança por meio da linguagem lúdica.” (Oliveira, 2014, p. 108). Desse modo, foi utilizado a técnica de colagem para que fosse possível conhecer os elementos constitutivos daquelas crianças, isto é, ao propor que as crianças criassem colagens com elementos dos seus interesses, as mediadoras optaram por protagonizar a linguagem da criança e, assim, facilitar a identificação das demandas principais. Para a realização da atividade, foi necessário revistas, giz de cera, papel A4, tesouras e cola branca.

No terceiro encontro, que ocorreu no dia 01 de novembro de 2023, as mediadoras utilizaram a técnica de dinâmica “Os monstrinhos das emoções”. Para essa proposta de intervenção foi necessário papel A4, giz de cera e lápis de escrever. Nessa atividade, a proposta era que as crianças desenhassem monstrinhos que representassem a felicidade, a raiva, o medo e a tristeza. A escolha dessa técnica corrobora Winnicott (1975) quando discorre sobre como o brincar funciona na promoção de saúde. O autor pontua que a saúde está ligada à capacidade que cada indivíduo tem de brincar e de ser criativo, assim o brincar, por exemplo, facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais e pode ser uma forma de comunicar-se na psicoterapia. Partindo desse pressuposto, compreende-se que essa estratégia de trabalhar as emoções por meio do desenho possibilitou que as crianças, ao brincar, conseguissem se comunicar a respeito das emoções, como lidam com elas e quando as sentem.

O quarto encontro ocorreu no dia 08 de novembro de 2023 e também foi utilizado o desenho como ferramenta principal de intervenção. Foi proposto, para as crianças, a realização de um desenho que representasse três pessoas importantes para elas. Essa atividade foi escolhida após as mediadoras perceberem a necessidade de conhecer de forma mais detalhada, por exemplo, as relações familiares e de amizades. Os materiais necessários foram papel A4, giz de cera, tesoura e lápis de escrever.

No último encontro, que ocorreu no dia 22 de novembro de 2023, as mediadoras optaram por utilizar o recurso da sucata, e a dinâmica de “desembaralhar as mãos sem soltá-las”. A proposta inicial era que com o material as crianças formassem os familiares, contudo elas não aderiram a ideia e por conta disso as discentes tomaram a postura de deixarem as crianças mais livres para produzirem o que quisessem com as sucatas. Para a realização dessa dinâmica foi

necessário um conjunto de sucatas (que as discentes recolheram ao longo das aulas teóricas da disciplina) giz de cera e lápis de cor.

Resultados e discussões

As atividades desenvolvidas e relatadas a seguir e a contribuição das crianças ao verbalizar questões que lhes eram importantes é um marcador importante do estabelecimento de vínculo com as mediadoras. De acordo com Aguiar (2014), o processo psicoterapêutico é marcado, primeiramente, pelo vínculo terapêutico, uma vez que

o vínculo é a condição básica para que a psicoterapia aconteça; é o suporte onde repousarão nossas intervenções e o que permitirá que elas sejam efetivamente transformadoras. Para que o outro seja tocado por nós, é preciso que ele se sinta acolhido, compreendido, respeitado em sua singularidade, em seu tempo e, principalmente, em suas possibilidades. Dessa forma, ouvir, acompanhar empaticamente, sem julgamentos, prescrições e direcionamentos são condições básicas para que esse vínculo se estabeleça. (Aguiar, 2014, p.121).

Diante deste princípio, verificou-se que, no decorrer das sessões, as crianças participantes demonstraram maior grau de extroversão e menor estranheza em relação às discentes, mesmo aquelas que interagiam menos.

O **primeiro encontro** foi realizado com o objetivo de possibilitar a apresentação e interação das mediadoras com as crianças. As discentes chegaram ao CRAS, e a maioria das crianças se encontrava disposta em um pequeno grupo frente à televisão. As mediadoras se apresentaram e solicitaram que as crianças organizassem suas cadeiras em um semicírculo para início das atividades. Algumas mostraram-se tímidas; demonstraram dificuldades em formar pares e se atentarem ao que estava sendo solicitado.

As mediadoras instruíram as crianças acerca da técnica “O espelho”, na qual teriam de mimetizar os gestos e expressões umas das outras. Neste momento, eles apresentaram dificuldades em formar duplas, pela resistência de alguns em formar dupla com pares específicos. Neste momento, para que nenhuma criança ficasse só, as mediadoras se voluntariaram a formar duplas com as crianças.

Mesmo após a formação de pares, notou-se uma grande dificuldade de entrosamento entre eles, e, também, desistência de algumas crianças em prosseguir com a atividade. Percebeu-se, ainda, que enquanto umas eram extremamente retraídas, outras apresentavam extroversão e verbalização. Observou-se a dificuldade em lidar com regras e limites, e adesão às atividades.

No **segundo encontro** as mediadoras chegaram à Unidade e havia apenas duas crianças. Ambas estavam sentadas em silêncio na mesa, quando as discentes se sentaram e conversaram com ela. De imediato, foram entregues revistas aos dois para que procurassem figuras que representassem atividades, coisas, ou pessoas que gostassem. Apenas o mais velho iniciou a atividade cortando as imagens, enquanto o mais novo apenas folheou as páginas, mas não demonstrou interesse em cortá-las.

Às crianças que iam chegando e que não haviam participado do 1º encontro, as mediadoras se reapresentaram e, assim como no encontro anterior, pontuaram o que gostam e o que não gostam. Chamou atenção que, em ambos encontros, as crianças pontuaram que gostavam de “fazer nada”, que sentiam muita preguiça em relação à escola. Uma das crianças (E., 9 anos) apresentou comportamento não colaborativo com a atividade, até abrir uma das revistas e ver a figura de um policial. Diante disso, afirmou que ali estava alguém de quem não gostava, pois “a polícia só mata, e eu gosto de bandido”. Relatou, ainda, que a polícia havia matado o seu primo, de 14 anos. Relatou que gostaria de ser capoeirista.

Uma das duas crianças citadas (I., 7 anos) pouco interagiu e continuou em silêncio; interagia minimamente com o espaço e com as outras crianças. Diante disso, uma mediadora desenhou dois bonecos, um com traços neutro e um com traços raivoso:

M: Você consegue marcar qual desses se parece mais com você?

I: Esse (indicou o boneco raivoso).

M: Consegue me dizer por que se sente assim?

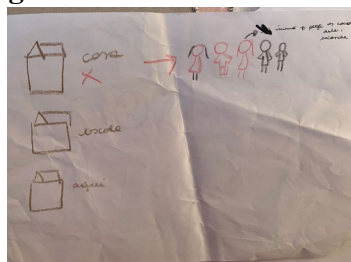
M: Não.

M: Você sempre se sente assim?

I: Sim.

A mediadora desenhou três ambientes no papel: a casa, a escola e o CRAS, e perguntou ao menino em qual deles ele se sentia com mais raiva. A criança pontuou que se sentia com muita raiva em casa. Depois, a mediadora desenhou os membros da família de I., conforme Figura 1, e perguntou qual desses membros o fazia se sentir assim. A irmã mais velha, de 9 anos, também integrante do CRAS, foi apontada.

Figura 1 – Desenho da família



Fonte: Acervo das autoras.

Entre as técnicas e recursos utilizados nesse encontro destacam-se os desenhos, que possibilitaram que as crianças conversassem acerca de suas configurações familiares; dos ambientes que se sentem menos e mais confortáveis; de pessoas que são importantes para elas, mas também das que não gostam; da forma que se percebem em todos estes espaços e enquanto indivíduos; e a expressarem os sentimentos que, antes, não tiveram a chance de pensar em nomeá-los. Isto porque

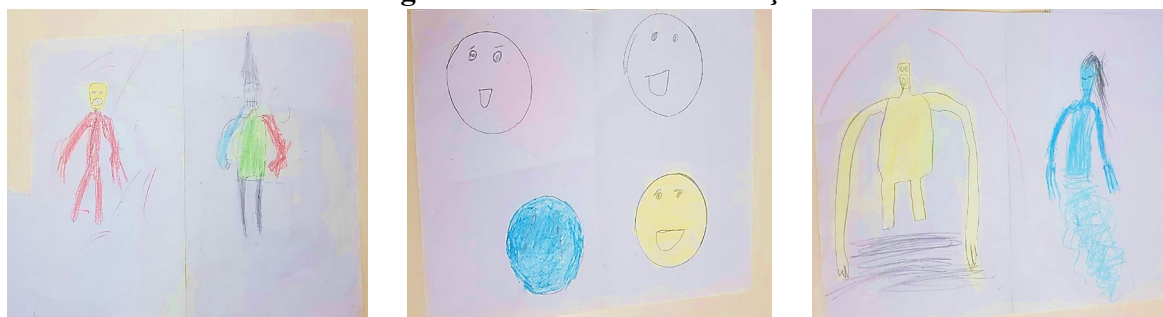
o desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas (Derdyk, 1989, p.52).

No **terceiro encontro**, antes do início das atividades, duas crianças apresentaram resistência com a chegada das mediadoras. Por conta disso, foram feitas algumas tentativas de aproximação. Contudo, um dos meninos (J.), depois de evitar o contato com as estudantes, preferiu não participar e foi embora. A outra criança, que também estava com o comportamento de enfrentamento (E.), permaneceu, mas continuou reativo com as mediadoras e com o grupo de crianças que estava presente no encontro. É importante pontuar que houve um estranhamento, por parte das estudantes, em relação ao comportamento reativo de E., tendo em vista que na semana anterior notou-se uma criação de vínculo e que ele estava mais aberto a realizar as atividades propostas.

5824

Após esse momento, foi iniciada a atividade do encontro que consistia na criação, por meio de desenho, dos “monstrinhos” (Figura 2) das emoções (Felicidade, raiva, tristeza e medo).

Figura 2 – Desenhos das emoções

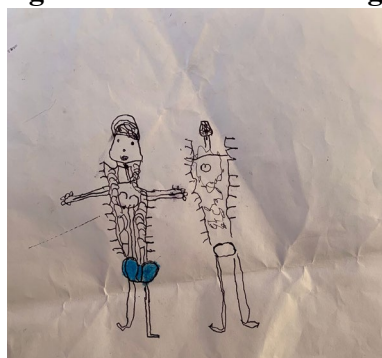


Fonte: Acervo das autoras

A maioria das crianças do grupo iniciou os desenhos com empolgação, contudo E. não quis realizar a atividade da forma como foi proposta e, por perceberem um comportamentopositor acentuado, as mediadoras optaram por incentivá-lo a desenhar o que quisesse. Por conta das ações mais acentuadas de E., uma das crianças (G.) sinalizou que estava achando estranho que ele estava demonstrando muita raiva e que mesmo assim ainda ria da situação. Ao longo da aplicação da técnica, notou-se a necessidade um olhar mais atento para E.

Ao longo da realização do desenho de E., uma das mediadoras o acompanhou de maneira mais individual e assim começou a realizar perguntas para que fosse possível entender o que ele estava desenhando e o que aquele desenho significava para aquela criança. Por conta disso, E. relatou que estava desenhando um colega da escola que urinou na garrafa dele, como pode ser visualizado na Figura 3.

Figura 3 – Desenho do colega



Fonte: Acervo das autoras.

Em complemento, a criança relatou que a mãe foi à escola e, por falta de orientação para resolver a situação, optou por utilizar da violência e permitiu que o filho agredisse o colega, além de auxiliar o mesmo ao segurar o menino para que E. batesse nele. Durante esse momento, foi possível colher informações importantes que contribuíram para que fosse possível compreender a realidade em que E. está inserido. Com base nessa escuta, identificou-se também que ele estava sofrendo bullying na escola por conta da deficiência que tem em uma das mãos. Acerca disso Tessaro, Trevisol e Pieczkowski (2022, p. 5) salientam que:

O bullying no contexto escolar ocorre, na maioria das vezes, escondido dos adultos, por isso, destacamos a importância dos espectadores que, no cotidiano escolar, presenciam, testemunham uma ação ou uma situação de *bullying*. É esse público que assiste às agressões que pode reforçar o comportamento dos agressores por meio da omissão, ou pode proteger as vítimas, denunciando os agressores a um adulto. E no caso, dos espectadores de *bullying* contra alunos com deficiência, esse público chama ainda mais atenção, tendo em vista que,

ao intervirem contra essa situação, ela tende a parar ou pelo menos diminuir rapidamente.

Simultaneamente a essa interação mais acentuada com E., os outros participantes do grupo estavam dedicados na realização dos “monstrinhos”, mas devido ao cronograma da prática foi necessária a delimitação de um tempo de conclusão dos desenhos. Ao finalizar, as mediadoras realizaram um momento para que eles explicassem os desenhos e assim aproveitaram para questionar pontos singulares de cada produção. Os sentimentos que mais se destacaram foram a raiva e a tristeza. Em relação à raiva, J., 7 anos, relatou que sente quando a mãe pega o celular dele e não devolve. G., 10 anos disse que sente raiva quando o primo, o irmão e os pais não o escutam; assim, foi perguntado para a criança como ele age quando está se sentindo dessa forma e em resposta afirmou que geralmente prefere ficar quieto, mas que o olho fica vermelho quando essas situações acontecem. P., 11 anos, relatou que sente raiva no corpo todo e E., 9 anos, falou que sente apenas no coração. No que se refere à tristeza, G. disse que ficou triste quando tiraram o filme “Como treinar o seu dragão” da Netflix. P. pontuou que vai para o quarto quando esse sentimento surge. Outro ponto apresentado pela maioria diz respeito foi referente à tristeza, pois disseram que ao sentirem raiva também surge a tristeza. Apenas uma criança (G.) falou sobre o medo de forma mais detalhada; segundo ele quando se está com medo “a gente não pode falar nada”.

5826

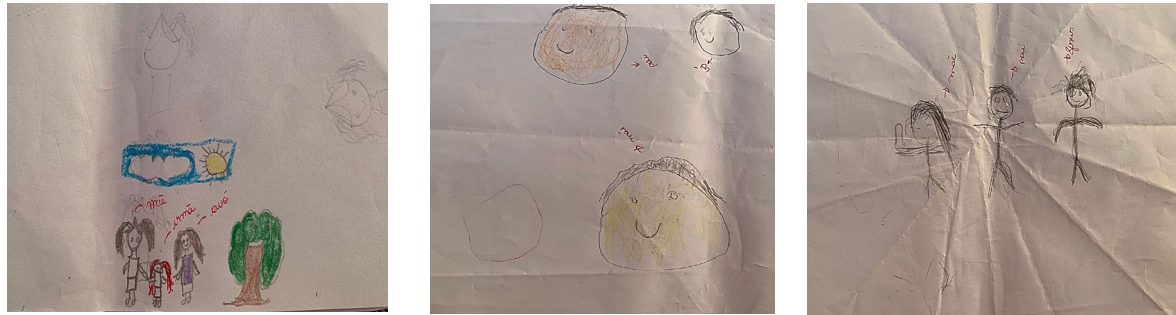
Além desses aspectos, durante esse encontro, também foi possível compreender com mais detalhes a situação de G.M., 7 anos. Após uma conversa com o irmão dele (P.) percebeu-se que a criança fala apenas com algumas pessoas específicas, como o irmão e um colega da escola. Esse comportamento de não se comunicar pela fala esteve presente desde o primeiro encontro, contudo as mediadoras acreditavam que poderia ser por conta da presença delas e pela falta de vínculo. Contudo, no decorrer dos encontros realizados, notou-se que mesmo com o irmão, que é a pessoa mais próxima que está no grupo, ainda há predominância da comunicação não-verbal.

Dessa maneira, as técnicas e recursos aplicados possibilitaram elementares expressões acerca da subjetividade das crianças de forma individual, ainda que inseridas em um contexto grupal. Segundo Sei (2005), o uso da arteterapia somado a um ambiente favorável são, juntos, capazes de proporcionar um espaço significativamente elogiável no que se refere à acolhimento, expressão e desenvolvimento para as crianças.

No **quarto encontro** havia 4 crianças. Uma das responsáveis pontuou que, naquela semana especificamente, poucas crianças compareceram à Unidade, provavelmente em razão

do frio. Neste encontro, a técnica proposta consistiu em desenhar três pessoas que são importantes para eles (Figura 4).

Figura 4 – Desenho de pessoas importantes



Fonte: Acervo das autoras.

Como observado nos encontros anteriores, E. mostrou-se relutante em participar da atividade, sempre verbalizando palavrões, pontuando que “parecia estar na creche, fazendo essas coisas de criança”. Uma das mediadoras o questionou se ele não se sentia criança, mesmo sendo, e E. não respondeu. Ele e outra criança, J., afirmaram que não sabiam quem desenhar e que, talvez, desenhariam as mediadoras. Neste processo, uma das crianças, G. (7 anos), percebeu que anotações acerca do que estava acontecendo estavam sendo feitas, e, questionou o porquê; a observadora pontuou que precisava fazê-lo para lembrar-se do que estava vendo. G. perguntou se as mediadoras eram universitárias e, ao responder de forma afirmativa, acrescentaram que cursam Psicologia. A criança, por sua vez, relatou que se todos de sua família “fizessem psicóloga”, tudo seria melhor:

M: Como seria melhor?

G: O meu pai, depois que meu irmão nasceu, dá mais atenção a ele. A minha mãe me interrompe todas as vezes que começo a falar. E meu irmão brinca com os meus brinquedos.

M: Como você se sente quando essas coisas acontecem com você?

G: Me sinto com raiva, mas consigo entender, depois, que o meu irmão é apenas um bebê.

M: Bebês demandam bastante atenção, não é?

G: Eu percebi que você está “fazendo psicólogo” comigo.

M: E como você se sente?

G: Me sinto bem.

Após certo tempo, as mediadoras pediram que cada um explicasse o que havia desenhado. E. apresentou, em todo momento, comportamentos violentos e pouco colaborativos com a atividade. Entretanto, estava desenhando, e foi o último a finalizar. Uma das crianças, I., desenhando as três pessoas, entre elas, o pai, que era o único com uma expressão triste. Ao ser questionado, I. afirmou que o pai é “muito bravo”.

E. e J. chamaram atenção por terem desenhado um ao outro, e também a si mesmos. E., por sua vez, desenhou a si fumando (assim como J. o desenhou), e, quando questionado, J. verbalizou que o amigo “é maconheiro mesmo”, conforme, respectivamente na Figura 6.

Figura 5 – Desenho “do menino fumando”



Fonte: Acervo das autoras.

Ao final das explicações de cada um, as mediadoras os comunicaram que este seria o penúltimo encontro. A comunicação sobre a finalização foi feita para a manutenção de uma comunicação verdadeira e cuidado com o vínculo terapêutico, uma vez que as crianças, dessa forma, não teriam suas expectativas frustradas quanto à duração da intervenção no CRAS.

No **quinto encontro** as mediadoras propuseram brincadeira com sucata e a dinâmica de “desembaralhar as mãos sem soltá-las”. Uma das mediadoras pontuou que este seria o último encontro, e perguntou como tinha sido para eles as atividades e os encontros. As crianças pontuaram que gostaram das técnicas propostas, especialmente as que envolviam desenhos e mímicas.

Após este primeiro momento, as discentes conduziram-nos à atividade com sucata, para que montassem suas famílias com o material, uma vez que “é possível dizer que ao viver através do brincar com sucatas, a criança representa seu meio cultural e social, a partir também das suas particularidades, da sua subjetividade” (Silva, 2017, p.442). As crianças, porém, mostraram-se indispostas a fazê-lo, e questionaram se poderiam montar outros objetos que os interessavam, o que foi permitido pelas mediadoras. Uma das crianças, G. (6 anos), não apresentou interesse em produzir com o material levado pelas discentes, e relatou que preferia desenhar.

Diversos pontos foram observados durante a brincadeira: a forma que a menina do grupo (I., 9 anos) brincava era diferente do restante, sempre marcada por atos de cuidado, relacionados a afazeres domésticos, como limpar e cozinhar (Figura 6). Tal fenômeno ocorre porque

o desejo de ser adulto e fazer o que os adultos fazem, ou seja, participar diretamente da vida deles, faz a criança inventar a situação imaginária e

brincar daquilo que gostaria de realmente fazer, mas está impedida por sua condição de infante. Na brincadeira, no entanto, ela tem que seguir as regras da vida social e, seguindo essas regras, começa a tomar consciência delas, portanto educa sua vontade. (Prestes, 2016, p. 35).

Figura 6 – Brincadeira com sucata: afazeres domésticos



Fonte: Acervo das autoras.

Tal ponto foi reforçado, uma vez que, quando perguntados acerca do que fizeram no feriado, I. relatou ter ficado em casa ajudando a mãe a organizar a casa, e o seu irmão, também membro do grupo, relatou ter descansado e brincado.

Outra criança (J., 7 anos) utilizou o material da sucata para produzir o que disse ser uma bazuca (Figura 7).

Figura 7 – Brincadeira com sucata: Bazuca



Fonte: Acervo das autoras.

Quando questionado acerca das razões de ter produzido tal objeto, relatou que o utilizaria para “explodir os colegas da escola”, que, segundo J., se reúnem no intervalo para agredi-lo fisicamente. Esta fala chamou a atenção por ter sido a primeira vez que ele demonstrou algum comportamento inclinado à violência, e, também, à temática das agressões sofridas no ambiente escolar.

Salienta-se que “o ambiente, no desenvolvimento emocional saudável dos indivíduos, desempenha um papel de grande relevância, ao oferecer condições suficientemente boas, atendendo às necessidades apresentadas por esses indivíduos” (Winnicott, 1960 *apud*. Sei,

2005, p.40). Desta forma, as intervenções desenvolveram-se ante ao que foi apresentado pelas crianças durante as sessões, possibilitando a percepção de um fator comum em todos os relatos: a violência vivenciada no contexto familiar e social, que era, desta forma, replicada no ambiente escolar e, até mesmo, no CRAS.

Por fim, foi realizada a técnica das mãos, na qual as discentes e as crianças tinham por objetivo, em círculo, dar as mãos, e, entrelaçar as mãos sem soltá-las. Por conseguinte, a meta era desfazer o entrelace, também sem soltar as mãos. A postura das crianças foi colaborativa e extrovertida. Ao final, as mediadoras se despediram e agradeceram pela colaboração de todos, que retribuíram com abraços.

Conclusão

O CRAS é uma importante instituição de fortalecimento de vínculos familiares e oferece serviços de acolhimento e assistência psicossocial às famílias que moram em áreas de vulnerabilidade e risco social. Por meio do Centro de Referência foi possível realizar um trabalho terapêutico infantil em grupo com crianças assistidas pelo programa e perceber as demandas psicológicas mais proeminentes apresentadas por elas.

Diante do presente relato consegue-se observar que a identificação de processos que podemos nomear por “violência”, assim como a influência da violência sobre as relações interpessoais das crianças foi viabilizado por meio das atividades desenvolvidas, envolvendo recursos e técnicas propostas, especialmente a produção de desenhos e manejo das sucatas, ocorrendo também a mediação da palavra (discurso).

De acordo com González (2023), a psicoeducação é um recurso útil para a prevenção e enfrentamento de maus-tratos e violências, a partir de um enfoque multidisciplinar, pois possibilita intervenções que visam a promoção do desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e também, de resolução de conflitos para toda a comunidade envolvida. Neste sentido, as mediadoras realizaram momentos de orientação e psicoeducação com as crianças, considerando sempre os temas abordados no grupo.

Importa pensar nesta atividade interventiva como uma oportunidade para um novo olhar sobre a essencialidade da capacitação das equipes multiprofissionais dos Centros de Referências de Assistência Social, para que estes sejam, efetivamente, um importante instrumento na identificação de vulnerabilidades e mazelas sociais dos assistidos. Consideramos, ainda, que a participação da comunidade discente propicia a produção e

renovação de saberes e possibilidades práticas para a formação do aluno, tornando-o agente transformador neste espectro.

Referências

AGUIAR, L. Origens e desenvolvimento da psicoterapia infantil. In: **Gestalt-terapia com crianças** [recurso eletrônico]: teoria e prática. [2. ed rev. atual.] – São Paulo: Summus, 2014.

BRASIL, Assistência Social. **Centro de Referência da Assistência Social**. [Brasília]: Assistência Social, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-o-cras-centro-de-referencia-da-assistencia-social>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CFP. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) no CRAS/SUAS**. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. - 3.ed. Brasília: CFP, 2021. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/rt_crepop_cras_2021.pdf. Acesso em 01 dez. 2023.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989, p.52.

GONZÁLEZ, T. J. G. Rol de la psicoeducación en la prevención y abordaje de la violencia escolar en el estado monagas: un enfoque interdisciplinario. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e13780, 2023.

5831

OLIVEIRA, E. D. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 11, n. 20, 2014.

ORTOLAN, M. L et al. Grupos de dinâmica infantil e os efeitos terapêuticos do brincar. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 23-33, 2018.

PRESTES, Zoia. A brincadeira de faz de conta e a infância. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 7, n. 2, 2016.

SEI, M. B.; PEREIRA, L. A. V. Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2005.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes. **VIVÊNCIA DE BRINCADEIRAS COM SUCATA: RELATO DE UMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO**. VI Seminário Nacional e II Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, 2017, Vitória da Conquista. Anais do VI Seminário Nacional e II Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional. Vitória da Conquista, 2017. v. 6. p. 440-452.

TESSARO, M.; TREVISOL, M. T. C.; PIECZKOWSKI, T. M. Z. Bullying envolvendo alunos com deficiência: análise a partir de uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 35, p. e14/1–22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/67847>. Acesso em: 26 fev. 2024.

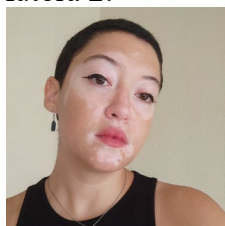
WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Autora 1:



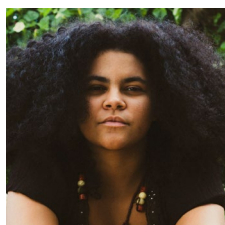
Maria Luiza Barbosa Araújo
Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil.
E-mail: m luiza.araujo@outlook.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6452530732545308>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5153-5457>

Autora 2:



Marina Rocha Dias
Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil
E-mail: m rnr02@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6872477877173570>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-0762-8744>

Autora 3:



Rafaella Sthefany Pereira Araújo
Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil
E-mail: rafaellasthep@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6423992468716137>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7305-5005>

5832

Autora 4



Carmem Virgínia Moraes da Silva
PhD em Psicologia, Professora Titular da Universidade Estadual da Bahia – UESB e professora permanente externa do Programa de Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia – UFBA.
E-mail: carmem.virginia@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139351935811805>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4792-9939>